

DAI-LHES VÓS MESMOS DE COMER

VI JORNADA MUNDIAL DOS POBRES



CNBB



JMP

EXPEDIENTE:

Comissão Episcopal Pastoral para Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Dom José Valdeci Santos Mendes – Presidente
Dom José Luiz Ferreira Salles, CSsR
Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira, SDV
Dom José Reginaldo Andrietta
Dom Henrique Aparecido de Lima, CSsR
Dom Francisco Cota de Oliveira
Frei Olávio Dotto - Assessor

Este é um documento produzido pela Comissão Episcopal Pastoral para Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos, de suas organizações, organismos e pastorais sociais da Igreja no Brasil.

Esta publicação

Textos:

Dom José Valdeci dos Santos Mendes
Alessandra Miranda
Jardel Neves Lopes
Neuza Mafra

Projeto gráfico:

Assessoria de Comunicação da Cáritas Brasileira

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

03



MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O VI DIA MUNDIAL DOS POBRES

04



REFLEXÃO TEOLÓGICA

09



APROFUNDANDO A REALIDADE

11



RODA DE CONVERSA

13

APRESENTAÇÃO

Prezados irmãos e irmãs.

Com alegria e esperança apresento o subsídio de formação para a VI Jornada Mundial dos Pobres, celebrada pela Igreja Católica em todo o mundo dia 13 de novembro de 2022 (XXXIII Domingo do Tempo Comum), mas que no Brasil é vivenciada durante toda a semana, de 06 a 13 de novembro de 2022, com momentos de articulação, formação, celebração e gestos concretos.

O tema proposto por Papa Francisco para a celebração deste dia é Jesus Cristo fez-se pobre por vós (cf. 2 Cor 8, 9). Um convite para uma profunda reflexão e ação evangélica para a solidariedade transformadora junto aos irmãos e irmãs empobrecidos/as. O chamado é para aprofundarmos na compreensão das causas das desigualdades para uma atuação engajada e profética de transformação dessas realidades.

No Brasil, estamos motivando as pessoas de boa vontade a partir do tema, **Dai-lhes vós mesmos de comer**, que nos coloca como protagonistas das mudanças sociopolíticas, nossa missão em uma conjuntura onde mais de 33 milhões de pessoas passam fome no país e por consequência são vítimas de tantas outras violações contra a dignidade humana.

Junto ao processo de mobilização da VI Jornada Mundial dos Pobres, estamos em comunhão com a celebração dos 66 anos da Cáritas Brasileira, que



historicamente promove gestos de solidariedade em celebração do seu aniversário; a Campanha da Fraternidade 2023, que traz para o centro da reflexão Fraternidade e Fome e o conjunto das ações solidárias que vem colocando comida na mesa de milhões de brasileiros/as, especialmente durante a pandemia da COVID-19.

Este subsídio contém materiais para colaborar no entendimento e dinamização das atividades propostas. São eles: a carta do Papa Francisco para o VI dia Mundial dos Pobres; a reflexão teológica do tema assumido para a Jornada Mundial dos Pobres no Brasil: "Dai-lhes vós mesmos de comer" (Mc 6, 37); o texto de aprofundamento social e econômico da realidade da fome no Brasil; a Roda de Conversa para ser vivenciada em comunidade; as sugestões de gestos concretos para a superação da fome e a Oração da Campanha da Fraternidade 2023: Fraternidade e Fome.

Esperamos animar as comunidades da Igreja do Brasil para atuarem no gesto concreto com os mutirões para arrecadação e doação de alimentos como ação emergencial. Mas também é fundamental que as comunidades assumam compromissos concretos de incidência política para que as políticas públicas de segurança e soberania alimentar sejam implementadas de fato no país. Que Deus nos abençoe na missão.

Dom José Valdeci dos Santos Mendes

Bispos da diocese de Brejo

Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para Ação Sociotransformadora



MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O VI DIA MUNDIAL DOS POBRES

(XXXIII Domingo do Tempo Comum – 13 de novembro de 2022)

Jesus Cristo fez-se pobre por vós (cf. 2 Cor 8, 9)

1. "Jesus Cristo (...) fez-se pobre por vós" (2 Cor 8, 9). Com estas palavras, o apóstolo Paulo dirige-se aos cristãos de Corinto para fundamentar o seu compromisso de solidariedade para com os irmãos necessitados. *O Dia Mundial dos Pobres* torna este ano como uma sábia provocação para nos ajudar a refletir sobre o nosso estilo de vida e as inúmeras pobrezaas da hora atual.

Há alguns meses, o mundo estava a sair da tempestade da pandemia, mostrando sinais de recuperação económica que se esperava voltasse a trazer alívio a milhões de pessoas empobrecidas pela perda do emprego. Abria-se uma nesga de céu sereno que, sem esquecer a tristeza pela perda dos próprios entes queridos, prometia ser possível tornar finalmente às relações interpessoais diretas, encontrar-se sem embargos nem restrições. Mas eis que uma nova catástrofe assomou ao horizonte, destinada a impor ao mundo um cenário diferente.

A guerra na Ucrânia veio juntar-se às guerras regionais que, nestes anos, têm produzido morte e destruição. Aqui, porém, o quadro apresenta-se mais complexo devido à intervenção direta duma «superpotência», que pretende impor a

sua vontade contra o princípio da autodeterminação dos povos. Vemos repetir cenas de trágica memória e, mais uma vez, as ameaças recíprocas de alguns poderosos abafam a voz da humanidade que implora paz.

2. Quantos pobres gera a insensatez da guerra! Para onde quer que voltemos o olhar, constata-se como os mais atingidos pela violência são as pessoas indefesas e frágeis. Deportação de milhares de pessoas, sobretudo meninos e meninas, para os desenraizar e impor-lhes outra identidade. Voltam a ser atuais as palavras do Salmista perante a destruição de Jerusalém e o exílio dos judeus: *"Junto aos rios da Babilónia nos sentamos a chorar, / recordando-nos de Sião. / Nos salgueiros das suas margens / penduramos as nossas harpas. / Os que nos levaram para ali cativos / pediam-nos um cântico; / e os nossos opressores, uma canção de alegria / (...). Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor, / estando numa terra estranha?" (Sal 137, 1-4).*

Milhões de mulheres, crianças e idosos veem-se constrangidos a desafiar o perigo das bombas para pôr a vida a salvo, procurando abrigo como refugiados em países vizinhos. Entretanto, aqueles que permanecem nas zonas de conflito têm de conviver diariamente com o medo e a carência de comida, água, cuidados mé-

dicos e sobretudo com a falta de afeto familiar. Nestes momentos, a razão fica obscurecida e quem sofre as consequências é uma multidão de gente simples, que vem juntar-se ao número já elevado de pobres. Como dar uma resposta adequada que leve alívio e paz a tantas pessoas, deixadas à mercê da incerteza e da precariedade?

3. Neste contexto tão desfavorável, situa-se o VI Dia Mundial dos Pobres, com o convite – tomado do apóstolo Paulo – a manter o olhar fixo em Jesus, que, “sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2 Cor 8, 9). Na sua visita a Jerusalém, Paulo encontrara Pedro, Tiago e João, que lhe tinham pedido para não esquecer os pobres. De facto, a comunidade de Jerusalém debatia-se com sérias dificuldades devido à carestia que assolara o país. O Apóstolo preocupou-se imediatamente em organizar uma grande coleta a favor daqueles pobres. Os cristãos de Corinto mostraram-se muito sensíveis e disponíveis. Por indicação de Paulo, em cada primeiro dia da semana recolhiam quanto haviam conseguido poupar e todos foram muito generosos.

Como se o tempo tivesse parado naque-

le momento, também nós, cada domingo, durante a celebração da Santa Missa, cumprimos o mesmo gesto, colocando em comum as nossas ofertas para que a comunidade possa prover às necessidades dos mais pobres. É um sinal que os cristãos sempre cumpriram com alegria e sentido de responsabilidade, para que a nenhum irmão e irmã faltasse o necessário. Já o testemunhava no século II São Justino que, ao descrever ao imperador Antonino Pio a celebração dominical dos cristãos, escrevia: “No dia do Sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades quer dos campos, e leem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos ora os escritos dos Profetas. (...) Seguidamente, a cada um dos presentes se distribui e faz participante dos dons sobre os quais foi pronunciada a ação de graças, e dos mesmos se envia aos ausentes por meio dos diáconos. Os que possuem bens em abundância dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe põe-se à disposição daquele que preside. Este socorre os órfãos e viúvas e os que, por motivo de doença ou qualquer outra razão, se encontram em necessidade, assim como os encarcerados e hóspedes que chegam de viagem;

numa palavra, ele toma sobre si o encargo de todos os necessitados” (Primeira Apologia, LXVII, 1-6).

4. Voltando à comunidade de Corinto, sucedeu que, depois do entusiasmo inicial, começou a esmorecer o empenho, e a iniciativa proposta pelo Apóstolo perdeu impulso. Este é o motivo que leva Paulo a escrever com grande paixão, relançando a coleta, “para que, como fostes prontos no querer, também o sejais no executar, conforme as vossas possibilidades (2 Cor 8, 11).

Neste momento, penso na disponibilidade que, nos últimos anos, moveu populações inteiras para abrir as portas a fim de acolher milhões de refugiados das guerras no Médio Oriente, na África Central e, agora, na Ucrânia. As famílias abriram as suas casas para deixar entrar outras famílias, e as comunidades acolheram generosamente muitas mulheres e crianças para lhes proporcionar a devida dignidade. Mas quanto mais se alonga o conflito, tanto mais se agravam as suas consequências. Os povos que acolhem têm cada vez mais dificuldade em dar continuidade à ajuda; as famílias e as comunidades começam a sentir o peso duma situação

que vai além da emergência. Este é o momento de não ceder, mas de renovar a motivação inicial. O que começamos precisa de ser levado a cabo com a mesma responsabilidade.

5. Com efeito, a solidariedade é precisamente partilhar o pouco que temos com quantos nada têm, para que ninguém sofra. Quanto mais cresce o sentido de comunidade e comunhão como estilo de vida, tanto mais se desenvolve a solidariedade. Aliás, deve-se considerar que há países onde, nas últimas décadas, se verificou um significativo crescimento do bem-estar de muitas famílias, que alcançaram um estado de vida seguro. Trata-se dum resultado positivo da iniciativa privada e de leis que sustentaram o crescimento económico, aliado a um incentivo concreto às políticas familiares e à responsabilidade social. Possa este património de segurança e estabilidade alcançado ser agora partilhado com quantos foram obrigados a deixar as suas casas e o seu país para se salvarem e sobreviverem. Como membros da sociedade civil, mantenhamos vivo o apelo aos valores da liberdade, responsabilidade, fraternidade e solidariedade; e, como cristãos, encontremos sempre na caridade, na fé e na esperança o fundamento do nosso ser e da nossa atividade.

6. É interessante notar que o Apóstolo não quer obrigar os cristãos, forçando-os a uma obra de caridade; de fato, escreve: “Não o digo como quem manda”. O que ele pretende é “pôr à prova a sinceridade do amor” demonstrado pelos Coríntios na atenção e solicitude pelos pobres (cf. 2 Cor 8, 8). Na realidade, o Apóstolo não hesita em afirmar que esta opção de Cristo, este seu despojamento, é uma graça – aliás, é “a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Cor 8, 9) – e só acolhendo-a é que podemos dar expressão concreta e coerente à nossa fé. O ensinamento de todo o Novo Testamento revela a propósito uma especial unanimidade, como se verifica nesta passagem da Carta do apóstolo Tiago sobre a Palavra que foi semeada nos crentes: “Tendes de a pôr em prática e não apenas ouvi-la, enganando-vos a vós mesmos. Porque, quem se contenta com ouvir a palavra, sem a pôr em prática, assemelha-se a alguém que contempla a sua fisionomia num espelho; mal acaba de se contemplar, sai dali e esquece-se de como era. Aquele, porém, que medita com atenção a lei perfeita, a lei da liberdade, e nela persevera – não com quem a ouve e logo se esquece, mas como quem a cumpre – esse encontrará a felicidade ao pô-la em prática» (1, 22-25).

7. No caso dos pobres, não servem retóricas, mas arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento direto, que não pode ser delegado a ninguém. Às vezes, porém, pode sobrevir uma forma de relaxamento que leva a assumir comportamentos incoerentes, como no caso da indiferença em relação aos pobres. Além disso, acontece que alguns cristãos, devido a um apego excessivo ao dinheiro, fiquem empantanados num mau uso dos bens e do património. São situações que manifestam uma fé frágil e uma esperança fraca e míope. Sabemos que o problema não está no dinheiro em si, pois faz parte da vida diária das pessoas e das relações sociais. Devemos refletir, sim, sobre o valor que o dinheiro tem para nós: não pode tornar-se um absoluto, como se fosse o objetivo principal. Um tal apego impede de ver, com realismo, a vida de todos os dias e ofusca o olhar, impedindo de reconhecer as necessidades dos outros. Nada de mais nocivo poderia acontecer a um cristão e a uma comunidade do que ser ofuscados pelo ídolo da riqueza, que acaba por acorrentar a uma visão efémera e falhada da vida.

Entretanto não se trata de ter um comportamento assistencialista com os po-

bres, como muitas vezes acontece; naturalmente é necessário empenhar-se para que a ninguém falte o necessário. Não é o ativismo que salva, mas a atenção sincera e generosa que me permite aproximar dum pobre como de um irmão que me estende a mão para que acorde do torpor em que caí. Por isso, “ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências. Esta é uma desculpa frequente nos ambientes académicos, empresariais ou profissionais, e até mesmo eclesiais. (...) Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social” (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 201). Urge encontrar estradas novas que possam ir além da configuração daquelas políticas sociais “concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres e muito menos inserida num projeto que reúna os povos” (Francisco, Carta enc. *Fratelli tutti*, 169). Em vez disso, é preciso tender para assumir a atitude do Apóstolo, que podia escrever aos Coríntios: “Não se trata de, ao aliviar os outros, vos fazer entrar em apuros, mas sim de que haja igualdade” (2 Cor 8, 13).

8. Estamos diante dum paradoxo, que, hoje como no passado, é difícil de aceitar, porque embate na lógica humana: há uma pobreza que nos torna ricos. Recordando a «graça» de Jesus Cristo, Paulo quer confirmar o que o próprio Senhor pregou, ou seja, que a verdadeira riqueza não consiste em acumular “tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar” (Mt 6, 19), mas, antes, no amor recíproco que nos faz carregar os fardos uns dos outros, para que ninguém seja abandonado ou excluído. A experiência de fragilidade e limitação, que vivemos nestes últimos anos e, agora, a tragédia duma guerra com repercussões globais, devem ensinar-nos decididamente uma coisa: não estamos no mundo para sobreviver, mas para que, a todos, seja consentida uma vida digna e feliz. A mensagem de Jesus mostra-nos o caminho e faz-nos descobrir a existência duma pobreza que humilha e mata, e há outra pobreza – a d’Ele – que liberta e nos dá serenidade.

A pobreza que mata é a miséria, filha da injustiça, da exploração, da violência e da iníqua distribuição dos recursos. É a pobreza desesperada, sem futuro, porque é

imposta pela cultura do descarte que não oferece perspectivas nem vias de saída. É a miséria que, enquanto constringe à condição de extrema indigência, afeta também a dimensão espiritual, que, apesar de muitas vezes ser transcurada, não é por isso que deixa de existir ou de contar. Quando a única lei passa a ser o cálculo do lucro no fim do dia, então deixa de haver qualquer freio na adoção da lógica da exploração das pessoas: os outros não passam de meios. Deixa de haver salário justo, horário justo de trabalho e criam-se novas formas de escravidão, suportada por pessoas que, sem alternativa, devem aceitar este veneno de injustiça a fim de ganhar o mínimo para comer.

Desejosos de encontrar o que os possa saciar, precisam ser encaminhados para os humildes, os frágeis, os pobres para compreenderem finalmente aquilo de que tinham verdadeiramente necessidade. Encontrar os pobres permite acabar com tantas ansiedades e medos inconsistentes, para atracar àquilo que verdadeiramente importa na vida e que ninguém nos pode roubar: o amor verdadeiro e gratuito. Na realidade, os pobres, antes de ser objeto da nossa esmola, são sujeitos que ajudam a libertar-nos das armadilhas

da inquietação e da superficialidade.

Um padre e doutor da Igreja, São João Crisóstomo, em cujos escritos se encontram fortes denúncias contra o comportamento dos cristãos para com os mais pobres, escrevia: "Se não consegues acreditar que a pobreza te faça tornar rico, pensa no teu Senhor e deixa de duvidar quanto a isso. Se Ele não tivesse sido pobre, tu não serias rico; trata-se de algo extraordinário: que da pobreza tenha derivado riqueza abundante. Aqui Paulo entende por "riquezas" o conhecimento da piedade, a purificação dos pecados, a justiça, a santificação e milhares doutras coisas boas que nos foram dadas agora e para sempre. Tudo isto, o temos graças à pobreza» (Homilias sobre a II Carta aos Coríntios, 17, 1).

9. O texto do Apóstolo a que se refere este VI Dia Mundial dos Pobres apresenta o grande paradoxo da vida de fé: a pobreza de Cristo torna-nos ricos. Se Paulo pôde comunicar este ensinamento – e a Igreja difundiu-lo e testemunhá-lo ao longo dos séculos – é porque Deus, em seu Filho Jesus, escolheu e seguiu esta estrada. Se Ele Se fez pobre por nós, então a nossa própria vida ilumina-se e transforma-se, adquirindo um valor que o mundo não conhece nem pode dar. A riqueza de Jesus é o seu amor, que não se fecha a

ninguém mas vai ao encontro de todos, sobretudo de quantos estão marginalizados e desprovidos do necessário. Por amor, despojou-Se a Si mesmo e assumiu a condição humana. Por amor, fez-Se servo obediente, até à morte e morte de cruz (cf. Flp 2, 6-8). Por amor, fez-Se «pão de vida» (Jo 6, 35), para que a ninguém falte o necessário, e possa encontrar o alimento que nutre para a vida eterna. Também em nossos dias parece difícil, como foi então para os discípulos do Senhor, aceitar este ensinamento (cf. Jo 6, 60); mas a palavra de Jesus é clara. Se quisermos que a vida vença a morte e que a dignidade seja resgatada da injustiça, o caminho a seguir é o d'Ele: é seguir a pobreza de Jesus Cristo, partilhando a vida por amor, repartindo o pão da própria existência com os irmãos e irmãs, a começar pelos últimos, por aqueles que carecem do necessário, para que se crie a igualdade, os pobres sejam libertos da miséria e os ricos da vaidade, ambos sem esperança.

10. No passado dia 15 de maio, canonizei o Irmão Carlos de Foucauld, um homem que, tendo nascido rico, renunciou a tudo para seguir Jesus e com Ele tornar-se pobre e irmão de todos. A sua vida eremita, primeiro em Nazaré e depois no deserto do Saara, feita de silêncio, oração e partilha, é um testemunho exemplar da pobreza cristã. Ajudar-nos-á a meditação

destas suas palavras: "Não desprezemos os pobres, os humildes, os operários; são não só nossos irmãos em Deus, mas também os que mais perfeitamente imitam a Jesus na sua vida exterior. Eles apresentam-nos perfeitamente Jesus, o Operário de Nazaré. São primogénitos entre os eleitos, os primeiros chamados ao berço do Salvador. Foram a companhia habitual de Jesus, desde o seu nascimento até à sua morte (...). Honremo-los, honremos neles as imagens de Jesus e dos seus santos progenitores (...). Tomemos para nós [a condição] que Ele tomou para Si (...). Nunca deixemos de ser, em tudo, pobres, irmãos dos pobres, companheiros dos pobres; sejamos os mais pobres dos pobres, como Jesus, e como Ele amemos os pobres e rodeemo-nos deles" (Comentário ao Evangelho de Lucas, Meditação 263) [1]. Para o Irmão Carlos, estas não eram apenas palavras, mas estilo concreto de vida, que o levou a partilhar com Jesus o dom da própria existência.

Oxalá este VI Dia Mundial dos Pobres se torne uma oportunidade de graça, para fazermos um exame de consciência pessoal e comunitário, interrogando-nos se a pobreza de Jesus Cristo é a nossa fiel companheira de vida.

Roma, São João de Latrão, na Memória de Santo António, 13 de junho de 2022.

Reflexão teológica

"Dai-vos mesmo de comer" (Mc 6, 37) na interpretação do Papa Francisco

Jardel Neves Lopes

Ao convidar a Igreja a "manter o olhar fixo em Jesus" o Papa Francisco nos ajuda a entender e assumir o exemplo de Cristo, que "sendo rico fez-se pobre" (2 Cor 8, 9). Com isso, Francisco dá continuidade à eclesiologia do Concílio Vaticano II, que "reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo" (Lumen Gentium, 8). Também reafirma a expressão da Igreja latino-americana, por meios das conferências episcopais: a opção preferencial pelos pobres, na qual somos chamados a ver "o rosto de Cristo no rosto dos pobres" (Puebla, 31-39). Portanto, "existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres" (Evangelii Gaudium, 48).

O tema escolhido para animar a VI Jornada Mundial dos Pobres, no Brasil, é uma ponte para vivenciar a Campanha da Fraternidade 2023: fraternidade e fome, com o lema "Dai-vos mesmo de comer" (Mt 14,16). Na carta Encíclica Evangelii Gaudium, Francisco faz uma releitura dessa orientação dada por Jesus aos apóstolos

e destaca três tarefas presentes nesse pedido de Jesus, referindo-se à mesma passagem no texto de Mc 6,37: "envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos" (EG, 188).

Francisco faz uma releitura do Evangelho ao destacar esses três aspectos. Em primeiro, deixa evidente que o problema da pobreza tem "causas estruturais". E não é pela falta de produção de comida e nem de dinheiro, mas pela má distribuição da renda, pela ausência de políticas de emprego com salários justos, pela política econômica que eleva os preços dos alimentos, pelas altas cargas tributárias sobre os pobres enquanto os ricos pagam em relação aos seus ganhos, pela forma como a sociedade está estruturada. Portanto, resolver "as causas estruturais da pobreza" é superar as desigualdades que é "raiz dos males sociais" (EG, 202). Essa tarefa passa por mudanças estruturais, que tem como base a ação comunitária com consequência global.



Segundo, para o Papa Francisco não basta “uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres e muito menos inserida num projeto que reúna os povos” (Fratelli Tutti, 16g). Faz necessário “promover um desenvolvimento integral”, do qual os pobres façam parte da mudança. Isso significa reconhecer que os pobres tem a chave da mudança, que são capazes de gestar processos de mudanças e que assim fazem a partir das experiências de solidariedade pra superar as emergências, a fome, por meio de uma economia comunitária, da organização em movimentos populares, da participação em conselhos de direitos, entre outros meios. Nessa chave de leitura, Francisco evidencia a necessidade de uma Igreja “em saída”, que construa movimento/comunidade com os pobres – que faça com e não para.

Terceiro, os “gestos simples e diários”, de caráter assistencial são fundamentais e devem ser instrumentos de aproximação, de contato e que permitam a criação de comunidade. É esse um gesto profético por parte de muitas comunidades que servem os mais pobres nas diversas realidades encontradas. Mas, deve servir também para “refletir sobre o nosso estilo de vida e as inúmeras pobreza da hora atual”, disse o Papa (mensagem para o VI dia mundial dos pobres).

Por fim, o Papa convida a Igreja a olhar para a pobreza de Jesus e assumir sua missão de fazer presente em meio aos pobres e marginalizados. E recorre ao testemunho de São Carlos Foucauld, dizendo: “não desprezemos os pobres, os humildes, os operários; são não só nossos irmãos em Deus, mas também os que mais perfeitamente imitam a Jesus na sua vida exterior. **Eles apresentam-nos perfeitamente Jesus, o Operário de Nazaré**”.





Aprofundando a realidade

"A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago". - Carolina Maria de Jesus

A FOME É O PRATO PRINCIPAL DE MILHÕES DE PESSOAS NO BRASIL¹

O cenário de crescimento da fome no Brasil já era visível e presente na realidade dos brasileiros antes mesmo do advento da pandemia de COVID-19. A flexibilização e depreciação de direitos sociais, sistemático enfraquecimento do Estado e corte das políticas públicas e programas voltados para diminuição das desigualdades, já vinham contribuindo para agravar o contexto da fome brasileiro. A chegada do novo coronavírus serviu para agravar e potencializar um quadro que há anos já estava sendo pintado.

De acordo com o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede Penssan), divulgado em 2021, cerca de 55,2% dos lares brasileiros vivenciavam um cenário de insegurança alimentar, um aumento de 54% em relação a 2018, quando esse percentual era de 36,7%. São 116,8 milhões de brasileiros sem acesso pleno e permanente à comida. Ainda, cerca de 19 milhões de brasileiros se encontram em situação de insegurança alimentar grave.

Durante a pandemia de COVID-19, a insegurança alimentar grave aumentou exponencialmente, chegando a patamares perigosamente altos. De acordo com o Programa Mundial de Alimentos, "2,4 bilhões de pessoas" no mundo não têm acesso à alimentação adequada (report de agosto 2021). Antes eram 320 milhões de pessoas.

Este cenário reflete uma dimensão conjuntural histórica do Brasil. O processo de formação social e econômica do nacional consolidou, por meio da violência contra os povos, uma estrutura agrária que prioriza o monocultivo, a concentração, a desigualdade e a destruição do meio ambiente, em detrimento de um modelo de agricultura centrado na produção de alimentos, na reforma agrária e na soberania alimentar.

A fome é o prato principal de milhões de pessoas no Brasil. Isso devido não apenas ao contexto atual em que vivemos, mas também devido aos interesses políticos. Pois, nesse contexto, ainda há o papel omissivo do Estado, que promove o enfraquecimento da democracia e os interesses corporativos em detrimento da vida. Assim, encontramos em um cenário de aprofundamento de violações sistemáticas dos direitos humanos e ambientais, a super exploração do trabalho e a perda de direitos trabalhistas e sociais, crescente omissão do papel do Estado na promoção de políticas públicas para a superação da fome e garantia de segurança e soberania alimentar para todas as pessoas.

Você sabia?

Em 2022 foi criada a Frente Nacional contra a fome e a sede. Venha compor essa rede de solidariedade!

Acesse o link e saiba mais:

<https://linklist.bio/contrafomesede>



**MAIS DA METADE
DO BRASIL ESTÁ
PASSANDO FOME.**

**O SEU
VOTO
DECIDE SE ISSO
VAI MUDAR!**

**FRENTE
NACIONAL
CONTRA
FOME
E SEDE**

**EU VOTO
CONTRA A
FOME E SEDE**

Instagram, Facebook, YouTube, Twitter icons @CONTRAFOMESEDE

Roda de Conversa

*“DAI-LHES VÓS
MESMOS DE COMER”*

Mt 14,16

Organizando o ambiente: Dispor as cadeiras em círculo e no centro colocar: a Bíblia, vaso com flores e um pão para ser partilhado.

Animador/a: Sejam bem vindos/as, queridos/as amigos/as. É em nome da fraternidade que nos encontramos. Iniciemos com a Santíssima Trindade:

T. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Canto: Javé o Deus dos pobres – Frei Zeca

Aqui você acessa a canção:

<https://www.youtube.com/watch?v=sg3TbmRoFRU&t=14s>

Ref.: Javé o Deus dos pobres, do povo sofredor, aqui nos reuniu pra cantar o seu louvor; pra nos dar esperança e contar com sua mão, na construção do reino, reino novo, povo irmão.

1. Sua mão sustenta o pobre ninguém fica ao desabrigo. Dá sustento a quem tem fome com a fina flor do trigo.

2. Alimenta os nossos sonhos mesmo dentro da prisão. Ouve o grito do oprimido que lhe toca o coração.



Animador/a: Mais uma vez somos convidados/as pelo Papa Francisco a recriar a solidariedade, através da Jornada Mundial dos Pobres. Neste ano o Papa volta seu olhar para as situações geradoras da pobreza e da fome no mundo, agravadas com a pandemia que expôs a dimensão da desigualdade social.

Leitor/a 1: Na Carta enviada por ocasião da VI Jornada, o Papa lembra que: "A pobreza que mata é a miséria, filha da injustiça, da exploração, da violência e da iníqua distribuição dos recursos. É a pobreza desesperada, sem futuro, porque é imposta pela cultura do descarte que não oferece perspectivas nem vias de saída". Ele nos encoraja dizendo:

T. "Jesus Cristo fez-se pobre por vós!" (cf. 2 Cor 8, 9).

Animador/a: Ao fazer-se pobre por nós, Jesus quer que o reconheçamos nos mais pobres, por isso nos entrega uma responsabilidade:

T. "Dai-lhes vós mesmos de comer!" (Mt 14,16).

Leitor/a 2: O Papa chama de escândalo a fome no mundo, uma vez que "Produzimos comida suficiente para todas as pessoas". Contudo, "muitas ficam sem o pão de cada dia". A negação de alimento para quem tem fome é um crime que viola os direitos humanos básicos.

Leitor/a 3: Essa realidade tornou-se tão grave, que a fome será o tema da Campanha da Fraternidade de 2023. Em comunhão com a CNBB, assumimos o tema da fome na VI Jornada, apontando práticas de solidariedade para aliviar o sofrimento de tantos irmãos e irmãs.

T. "Dai-lhes vós mesmos de comer!" (Mt 14,16).



Colocando a conversa em dia

Animador/a: O objetivo da nossa roda de conversa é encontrar caminhos para ajudar a enfrentar a tragédia da fome que ameaça cada vez mais a vida de milhares de pessoas no mundo inteiro. Para isso, vamos aprofundar nossa reflexão.

Leitor/a 1: Desde o Antigo Testamento os profetas vinham denunciando o flagelo da fome na humanidade que atingia sobretudo as classes humanas mais vulneráveis: as viúvas, os órfãos, os estrangeiros, os pobres. Estes eram privados do acesso ao alimento, doado em abundância pelo Criador.

Leitor/a 2: Ao mesmo tempo, os profetas anunciavam a ação de Deus para libertá-los oferecendo-lhes uma vida de fartura, a Terra Prometida, “terra onde corre leite e mel...” (Ex 33,3).

T. “Eu vi, ouvi e conheço a aflição do meu povo, por isso desci para libertá-lo!”

Leitor/a 3: Do Novo Testamento aprendemos com a prática das primeiras comunidades cristãs, nos Atos dos Apóstolos, que ninguém passava necessidade. Tudo que tinham era partilhado com todos (cf. At 2,42-46).

T. “Os cristãos tinham tudo em comum, dividiam seus bens com alegria. Deus espera que os dons de cada um, se repartam com amor no dia a dia”.

Leitor/a 1: No Brasil a fome é um dos maiores atrasos sociais. Ela tem cor, raça, gênero, endereço e atinge principalmente as famílias chefiadas por mulheres negras de baixa renda, confirmando as estatísticas historicamente conhecidas das desigualdades sociais do país.

Leitor/a 2: Segundo dados recentes da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN), mais de 33 milhões de pessoas não têm o que comer! E mais, 125 milhões vivem na insegurança de não ter o que comer.



Leitor/a 3: A escritora Carolina Maria de Jesus, mulher, mãe, negra, favelada, catadora e poetiza, assim se refere à fome: "A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago".

Leitor/a 1: No seu livro Quarto de Despejo escrito em 1960, ela mostra a crueldade da fome que sempre rondou seu barraco fazendo-a sentir o que hoje chamamos de "insegurança alimentar", o medo de acordar e não ter o que dar de comida aos filhos. Num trecho ela escreve:

Leitor/a 2: "Como é horrível ver um filho comer e perguntar: 'Tem mais?' Essa palavra tem mais, fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais".

Animador/a: A realidade de pessoas que não conseguem se alimentar pode estar bem pertinho de nós. Voltemos nossos olhos para as nossas comunidades, periferias próximas de nós. O que sabemos sobre a realidade da fome? O que é feito? (Deixar um tempinho para que todos/as partilhem o que conhecem)

Animador/a: Depois dessa partilha tão significativa para nós, vamos ouvir o que

Jesus tem a nos dizer através do Evangelho de Mateus. Aclamemos a Palavra cantando:

Canto: O Pão da vida - Pe. José Weber

Aqui você acessa a canção:

<https://www.youtube.com/watch?v=Fp-qwWFTgZV8>

Ref.: O Pão da vida a comunhão, nos une a Cristo e aos irmãos e nos ensina a abrir as mãos para partir, repartir o pão! (bis)

1. Lá, no deserto a multidão, com fome segue o Bom Pastor, com sede busca a Nova Palavra: Jesus tem pena e reparte o pão.

Leitor/a 3: Mt 13, 14-21

"Naquele tempo, quando soube da morte de João Batista, Jesus partiu e foi de barco para um lugar deserto e afastado. Mas quando as multidões souberam disso, saíram das cidades e o seguiram a pé. Ao sair da barca, Jesus viu uma grande multidão. Encheu-se de compaixão por eles e curou os que estavam doentes. Ao entardecer, os discípulos aproximaram-se de Jesus e disseram: "Este lugar é deserto e a hora já está adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar comida!". Jesus, porém,

lhes disse: **"Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer!"** Os discípulos responderam: "Só temos aqui cinco pães e dois peixes". Jesus disse: "Trazei-os aqui". Jesus mandou que as multidões se sentassem na grama. Então pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu e pronunciou a bênção. Em seguida partiu os pães, e os deu aos discípulos. Os discípulos os distribuíram às multidões. Todos comeram e ficaram satisfeitos, e dos pedaços que sobraram, recolheram ainda doze cestos cheios. E os que haviam comido eram mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças".



Assumindo compromisso concreto de solidariedade

Animador/a: Essa fome que mata milhões de pessoas no mundo é fruto da injustiça social. Diante da ordem de Jesus: Dai-lhes vós mesmos de comer, a VI Jornada Mundial dos Pobres nos convida a gestos concretos de solidariedade para enfrentar o drama da fome. O que vamos fazer:

1. Organizar um Mutirão Solidário para realizar a Campanha de alimentos durante a Semana da Solidariedade, celebrada pela Cáritas Brasileira de 07 a 13 de novembro de 2022.
2. Estabelecer locais de coleta.
3. Organizar a entrega dos alimentos. A fome não pode esperar.

Importante: os Mutirões devem ser organizados de maneira conjunta, com as diferentes pastorais e lideranças das comunidades. Vamos precisar de todo mundo!

Canto: Dai-lhes vós mesmos de comer - Frei Luiz Turra / José Acácio Santana.

Acesse a canção aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=OMwMXXuZMPI>

1. Tanta gente vai andando na procura de uma luz. Caminhando na esperança se aproxima de Jesus. No deserto sente fome e o Senhor tem compaixão. Comunica sua palavra; vai abrindo o coração.

Ref.: Dai-lhes vós mesmos de comer, que o milagre vai acontecer!

2. Quando o pão é partilhado passa a ter gosto de amor. Quando for acumulado gera morte, traz a dor. Quando o pouco que nós temos se transforma em oblação. O milagre da partilha serve a mesa dos irmãos.



Partilhando o alimento

Animador/a: Agora, podemos fazer a experiência da partilha do alimento entre nós. Antes, rezemos a oração que Jesus nos ensinou:

Pai nosso, que estais nos Céus, santificado seja o Vosso Nome; venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.



Oração da Campanha da Fraternidade 2023: Fraternidade e Fome

Pai de bondade, ao ver a multidão faminta, vosso Filho encheu-se de compaixão,

abençoou, repartiu os cinco pães e dois peixes e nos ensinou: “dai-lhes vós mesmos de comer”.

Confiantes na ação do Espírito Santo, vos pedimos:

inspirai-nos o sonho de um mundo novo, de diálogo, justiça, igualdade e paz;

ajudai-nos a promover uma sociedade mais solidária, sem fome, pobreza, violência e guerra;

livrai-nos do pecado da indiferença com a vida.

Que Maria, nossa mãe, interceda por nós para acolhermos Jesus Cristo em cada pessoa,

sobretudo nos abandonados, esquecidos e famintos.

Amém



SMH



CNLB



PASTORAL
CARCERÁRIA



Pascom
BRASIL



PASTORAL
DO POVO DA RUA



Pastoral Operário



CÁRITAS
BRASILEIRA



SSB



CRB NACIONAL
Conferência das Igrejas do Brasil



PMM



Conselho Pastoral dos Pescadores



SIGNIS
BRASIL



Jornada
Mundial
da Juventude



CNBB